



O CONVIDADO

Colaboração e comércio, para vencer



EUGÉNIO VIASSA MONTEIRO
Professor da **AESE** –
Escola de Direção de Negócios

Um ministro de uma economia emergente afirmou: "A ajuda é do passado; o comércio é o futuro." Os países "ricos" davam uma ajuda que se sugeria fosse de 0,7% do seu PIB, mas poucos lá chegavam. Foi benéfica a ajuda? Duvida-se que tenha servido para muito. Há situações em que é bem-vinda, como nos de-

sastres naturais, em que importa receber e distribuir quanto antes, para salvar vidas; e também quando há projetos muito bem estruturados à espera, melhor ainda se o valor da ajuda é para se devolver. A ajuda foi por vezes um presente envenenado, para se comprar armas, munições, helicópteros, etc., ao dador.

Ao comerciar incentiva-se a produção, faz-se surgir empreendedores, cria-se riqueza e trabalho, e mais capacidade de comprar. Um estudo apontava que um aumento de 5% das exportações dos países pobres (produtos agrícolas) dar-lhes-ia receitas de sete vezes a ajuda que recebiam dos ricos. E porque não exportavam mais? Porque encontravam bloqueios de barreiras alfandegárias e distorções nos preços, motiva-

das por subsídios.

Nos últimos tempos seria improvável surgir algum tipo de Plano Marshall para recuperar os países pobres, por falta de dirigentes com visão e sentido de justiça, a fazerem o que é correto; eles estão reféns de grupos de pressão e da "ditadura" do voto.

Com mais importação dos países pobres, os ricos vender-lhes-iam muito mais maquinaria, tecnologia e eletrónica, com um balanço favorável, por exportarem mais valor e mais caro. Essa intensidade de comércio teria sido um amortecedor da crise atual. Num ambiente defensivo e de criar "fortalezas", os pobres trabalharam árdua e ordenadamente, contando apenas com a sua pobreza, aprenderam e exportam hoje indústria e serviços muito bons, a preços

competitivos.

Surpreende ver governantes e chefes europeus em romagem à Ásia a pedirem que invistam nos seus países. Apesar de já haver bons investimentos cruzados – note-se que o maior grupo industrial do Reino Unido é indiano! –, tivesse havido mais solidariedade, ninguém se recusaria a dar o seu melhor para se ajudarem...

Há ainda muito a aprender: colaboração e comércio são do interesse de todos, todos ganham. Por isso, faz falta ampliar a visão, entender o valor da colaboração e fazer disso um ponto forte dos programas políticos, retirando quanto distorce ou gera acomodação, matando a criatividade. São o modo rápido de reduzir a pobreza e de ficarem todos os países numa situação melhor.